

# **PENTECOSTALISMO E LEITURA BÍBLICA: PARATEXTOS EDITORIAIS NA *BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL*<sup>1</sup>**

*Pentecostalism and biblical reading: paratextos  
editorials in the Pentecost study Bible*

Francikley Vito<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Herdeiros de uma tradição que remonta à cultura judaica, o cristianismo e o pentecostalismo ensinam que a leitura das Escrituras Sagradas é essencial para a formação e aperfeiçoamento de uma vida cristã genuína.<sup>3</sup> Tomando tal premissa e sob o argumento de auxiliar seus fiéis nesta tarefa, aumenta consideravelmente no Brasil a edição de Bíblias de estudo com os mais variados adjetivos. Com o intuito de refletir sobre esse fenômeno, este trabalho procura analisar como as intervenções editoriais mediam o processo de leitura e a construção dos sentidos em textos de narrativas bíblicas. Para tanto se estudará uma cena narrativa do Quarto Evangelho (Jo 5.1-15) na *Bíblia de Estudo Pentecostal*, publicação referência para o pentecostalismo brasileiro. Tal aproximação faz-se necessária na medida em que essas publicações tende a interferir – às vezes, negativamente – na interpretação do texto sagrado, bem como na aplicação desses textos na *práxis* dos fiéis.

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 05 de setembro de 2016 e aprovado em 18 de fevereiro de 2017 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Graduado em Teologia e Letras é mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM e desenvolve estudos doutorais na Universidade de São Paulo - FFLCH/USP. É membro do NUMEP - Núcleo Multidisciplinar de Estudos do Protestantismo UPM/CNPq. E-mail: francikley.vito@gmail.com.

<sup>3</sup> Este trabalho teve sua primeira versão como apresentação no I Seminário Integrado: “Pentecostais, Teologia e Ciências da Religião” realizado na Universidade Metodista de São Paulo – UMESP em 24 de abril de 2014.

**Palavras-chave:** Leitura bíblica; paratextos; pentecostalismo; sentidos.

## **ABSTRACT**

Heirs of a tradition that reassembles to the Jewish culture, Christianity and Pentecostalism teach that the reading of the Sacred Scriptures is essential for the formation and the improvement of a genuine Christian life. Using this premise and under the argument of helping believers on this task, there has been, in Brazil, a substantial increase on editions of bibles focused on the study of its content with varied adjectives. Intending to reflect on the subject, this work aims to analyse the way these editorial interventions mediate the reading process and the construction of a sense of texts from biblical narratives. For this reason, a narrative scene from the Fourth Gospel (Jo 5.1-15), found on *Bíblia de Estudo Pentecostal*, a publication of reference for the Brazilian pentecostalism, will be subject of study. Such approach is necessary as these publications tend to interfere – sometimes negatively – on the interpretation of the sacred text, as well as the application of the texts on the praxis of believers.

**Keywords:** Biblical reading; paratexto; pentecostalismo; sense.

## **1 LEITURA E PARATEXTOS**

O uso e a aplicação dos estudos que versam sobre história da leitura ainda são limitados no cenário protestante brasileiro. Estudar as práticas de comunidades leitoras como o pentecostalismo, por exemplo, pode ser considerado algo quase que inexistente no cenário acadêmico do Brasil. Muito dessa ausência pode ser explicada pela pouca preocupação dos estudiosos da Bíblia em identificar protocolos de leitura para textos que foram, desde muito tempo, considerados sagrados, bem como por um constante temor no questionamento das interpretações resultantes dessas leituras. Para a maioria dos estudiosos, principalmente os pentecostais, a leitura das Escrituras só comportava um mediador e iluminador – o Espírito Santo. Tal pressuposto, além de impossibilitar todo e qualquer questionamento sobre as interpretações que se faziam dos textos, não dava margem para a procura de mecanismos e teorias necessárias ao estudioso que procurasse entender qual o sentido de leitura e sobre as possíveis mediações no ato de ler.

A questão da leitura como prática mediada por elementos sociais, situacionais e para-textuais só entraria na agenda dos estudos acadêmicos com a teoria da recepção, movimento que aflora no século XX e cuja preocupação principal é examinar o papel do leitor como um agente vital do processo de significação que só se materializa na prática da leitura.<sup>4</sup> Quando a atenção do ato de ler voltou-se para o leitor, perguntou-se sobre os mecanismos que faziam com que esse leitor interagisse com os textos, produzindo novos sentidos que iam além dos já conhecidos. Para alcançar tais respostas, fez-se uso das teorias advindas da *História da cultura* e *História da leitura*. Foi então que se percebeu que elementos concretos como suporte de leitura, pertencimento a grupos específicos ou ideologias acabavam por influenciar no processo de leitura e na construção de sentidos para essas leituras.<sup>5</sup> É preciso afirmar também que o processo de significação, ainda que não comece com a leitura, atinge seu nível máximo por meio da prática de ler.

Quando pensamos no ato da leitura, temos a tendência de identificá-lo em relação com a escrita; e o leitor como um decifrador da letra no papel, mas ler é mais que decifrar letras; geralmente dizemos que lê bem aquele que consegue decifrar os códigos que estão impressos no papel, em nosso caso as letras e os símbolos. Mas isso não é verdade. O ato de ler é a ação de colocar-se diante de um mundo que não é o nosso, para nele descobrir novas coisas e rever velhas coisas; ou como bem nos diz Maria Helena Martins<sup>6</sup> a leitura é “um processo de comunicação abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, filológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos [...]”. A leitura não é um ato isolado, mas uma ação que envolve

---

<sup>4</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*, 2001, p. 102-103.

<sup>5</sup> LEONEL, João. *História da leitura e protestantismo brasileiro*, 2010, p. 217.

<sup>6</sup> MARTINS, Maria H. *O que é leitura*, 1994, p. 31.

todo conhecimento do indivíduo. Isso é verdade principalmente em relação à leitura da Bíblia. Neste sentido, ainda segundo Martins,

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido [...]. Considerando as colocações acima, a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. (MARTINS, 1994, p. 30, 33)

Assim, longe de ser considerada uma decodificação da letra em seu suporte material, a leitura é um processo que implica o ato de comunicação e compreensão de elementos simbólicos e expressivos de variados tipos. Esteado nos pensamentos e teoria do historiados da leitura Roger Chartier, que ganhou notoriedade mundial graças aos seus estudos concernentes à história do livro e da leitura, Anderson de Oliveira Lima<sup>7</sup>, ao propor um exame dos textos bíblicos partindo da História da leitura, afirma que o método de ler um texto considerando sua história e materialidade constitui-se um avanço que quebra o longo e já desgastado dualismo entre análise sincrônica e diacrônica do Texto Sagrado. No mesmo texto, Lima observa as características particulares que envolvem a leitura da Bíblia. Segundo o autor:

A pesquisa sobre as divergentes interpretações da Bíblia, com seus diferentes métodos desenvolvidos por diferentes grupos leitores, é particular pelo fato de a Bíblia ter assumido um forte caráter normativo desde as origens do cristianismo, quando os seguidores de Jesus e dos apóstolos ainda se viam mais como herdeiros das tradições religiosas judaicas do que como

---

<sup>7</sup> LIMA, Anderson de Oliveira. *A História da cultura escrita e suas possíveis contribuições à interpretação bíblica contemporânea*. Revista de História Comparada. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2015.

inauguradores de uma nova religião. A história da leitura da Bíblia, portanto, costuma mostrar como o livro, ou melhor, como a leitura que dele se fez, foi importante na história de pessoas e no estabelecimento de seus valores culturais, na história das instituições e na defesa de seus dogmas, na história dos regimes políticos e na justificação de suas guerras [...] (LIMA, 2015, p. 21-22)

No caso da leitura no âmbito de comunidades pentecostais – objeto de nosso olhar e análises – tem sido observados muitas e variadas dificuldades que perpassam o ato de ler. Essas dificuldades são apresentadas por Benatte<sup>8</sup> nos seguintes termos:

A observação participante evidencia que, nas comunidades pentecostais, a leitura dos textos sagrados não esgota nem pretende esgotar suas interpretações possíveis; pelo contrário, é uma leitura aberta aos sentidos potenciais dos textos. A leitura religiosa, dada a própria sacralidade das Escrituras, tende a impedir a sua interpretação unívoca, deixando latentes as novas possibilidades exegéticas. Trata-se, afinal, da Palavra divinamente inspirada aos homens, e a sua atualização constante impede que se a represente com significados fixos. O próprio papel atribuído ao Espírito Santo tanto na produção quanto na recepção dos textos impede um fechamento hermenêutico total. A ênfase na atualidade dos dons espirituais, entre eles o dom de interpretação, reforça essa abertura, pois, “onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade”, e “O vento [do Espírito] assopra onde quer”. Há, conseqüentemente, uma tensão permanente entre o enquadramento teológico dos textos – operação própria do processo de formação das doutrinas – e a abertura necessária a novas leituras de uma Palavra inesgotável. (BENATTE, 2012, p. 18)

Nota-se, então, como não poderia deixar de ser, particularidades e características semelhantes entre a leitura que comunidades pentecostais e outras comunidades cristãs fazem dos textos da Bíblia, inclusive os

---

<sup>8</sup> BENATTE, Antonio Paulo. *Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações mediante a estética da recepção*. Revista de Estudos da Religião – Rever, Ano 12, n. 01, Jan/Jun 2012.rio, 2010. p. 201.

textos narrativos. Uma vez que o texto bíblico é “aberto”<sup>9</sup>, sua interpretação depender de vários fatores para serem trazidos a efeito, os chamados mediadores da leitura. Dentre os mecanismos que funcionam como mediadores da leitura estão os paratextos editoriais, conceito desenvolvido pelo estudioso Gérard Genette no livro *Paratextos editoriais*, que ganhou tradução para a língua portuguesa em 2009.<sup>10</sup>

Ao conceituar os termos que delinearía seus estudos, Genette considera o texto como objeto que ganha sentidos em sua relação com as estruturas que o cerca, que são colocadas ao lado do texto principal; essas estruturas funcionam como facilitadores para a recepção do texto entre seus leitores, ou seja, “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (GENETTE, 2009, p. 9). Neste sentido, podemos dizer que os paratextos editoriais são elementos limítrofes e que, por conta disto, não devem ser lidos como meros adornos ao texto principal, mas como elementos que comunicam sentido tanto em si mesmo como ao texto ao qual estão ligados, dando àquele texto sentido comunicativo e discursivo; não é sem sentido, portanto, a afirmação de que os paratextos funcionam como que uma “franja do texto impresso que, na realidade, comanda toda a leitura” (LEJEUNE, 1975 apud GENETTE, 2009, p. 10). Assim, nas palavras do teórico, os paratextos podem ser identificados como os seguintes elementos:

Título, subtítulos, intertítulos; prefácios, preâmbulos, apresentação, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim; epígrafes; ilustrações; dedicatórias, tira, jaqueta [cobertura], e vários outros tipos de sinais acessórios, [...], que propiciam ao texto um encontro (variável) e às vezes um comentário, oficial ou

---

<sup>9</sup> MALANGA, Eliana Branca. *A Bíblia Hebraica como obra aberta*. São Paulo: Humanitas, 2002.

<sup>10</sup> GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

oficioso, do qual o leitor mais purista e o menos inclinado à erudição externa nem sempre pode dispor tão facilmente quanto ele gostaria e pretende. (GENETTE, 2009, p. 10)

É preciso dizer ainda que “se o texto propriamente dito é de responsabilidade exclusiva do seu autor, o mesmo não se passa com o paratexto que depende, também, em alguns casos, unicamente do editor” (GENETTE, 2009, p. 8), o que faz com que ele funcione como que uma porta de entrada para o texto principal; e é nesse sentido que dizemos que os paratextos funcionam como um elemento de mediação da leitura, uma vez que eles, por sua natureza, funcionam como facilitadores e guia para a leitura que se faz de um texto, criando protocolos de leituras, modos ideais pelos quais o texto pode ser significado. Tais elementos podem ser facilmente percebidos quando olhamos para a *Bíblia de estudo pentecostal* (que em alguns momentos será referida com a sigla BEP, em especial nas citações).

## 2 PARATEXTOS NA BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL

Ao contrário do que pode parecer quando olhamos de forma desatenta, o mercado editorial evangélico é o segundo mercado de livro do Brasil, de acordo com dados da pesquisa CBL/FIPE<sup>11</sup> realizada em 2014 e divulgados em 2015. O maior comprador de livros de vários seguimentos no Brasil é o Governo Federal. Neste sentido, quando consideramos o volume de material vendido em um único seguimento

---

<sup>11</sup> A pesquisa “Produção e vendas do setor editorial brasileiro” é feita anualmente com base nos dados fornecidos por editoras e livrarias de todo o território nacional e tem como intuito principal fazer um “mapa” do mercado. Os dados constantes neste trabalho foram retirados da pesquisa 2014/2015 e pode ser acessada no endereço eletrônico: <[http://downloads.fipe.org.br/noticias/apresentacao\\_pesquisa\\_2014\\_imprensa.pdf](http://downloads.fipe.org.br/noticias/apresentacao_pesquisa_2014_imprensa.pdf)> Acesso em 04/02/16.

editorial, percebemos que o mercado evangélico consta como o segundo na lista, perdendo apenas para os volumes negociados pelo Governo Federal. O que significa dizer que se excluíssemos da lista os recursos empregados pelo Governo na compra de materiais didático-pedagógicos e de outros gêneros de livros, teríamos que o mercado editorial evangélico despontaria como o maior mercado em volume de vendas no Brasil; com um total de aproximadamente R\$ 558.131.978,66 e 73.437.782 de exemplares vendidos, considerando apenas os números constantes em pesquisas oficiais.

É preciso sublinhar ainda que pesquisas recentes têm apontado para um crescimento nas vendas e nos faturamentos do setor de livro em comparação entre o ano de 2015 em relação ao ano de 2014 de 2,5% em volume de livros vendidos e de 3,4% em valores absolutos.<sup>12</sup> Se a previsão se confirmar, podemos esperar também um crescimento da venda de livros evangélicos no mercado editorial brasileiro, o que alavancaria ainda mais os números apresentados acima.

Impulsionada por um mercado que vem experimentando constante crescimento em suas vendas, um fenômeno tem se destacado no mercado editorial evangélico mundial, a edição de Bíblias de Estudo. Segundo Miller e Huber<sup>13</sup> a primeira Bíblia de Estudo de que se tem notícia foi organizada por Orígenes (185-254) e foi idealizada para ser uma Bíblia em que seu leitor tivesse a oportunidade de acompanhar textos do Antigo Testamento em que colocava versões dos escritos da Bíblia Hebraica em seis colunas paralelas, chegando ao número de 6.500 páginas distribuídas em 15 volumes. Essa organização acabou por nomear a Bíblia de Orígenes como Hêxapla.

---

<sup>12</sup> SDisponível em < <http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2016/01/SNEL-11-2015-13T.pdf>> Acesso em 04/02/16.

<sup>13</sup> MILLER, Stephen M.; HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia*, 2006.



Acompanhando uma tendência mundial, no final do ano de 1995 a Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD, órgão oficial de publicações da Assembleia de Deus no Brasil e criada em 1940, lança “seu maior sucesso de vendas”<sup>14</sup>, a *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Quando da sua chegada ao mercado evangélico no Brasil, a BEP já estava como um projeto inacabado na CPAD havia mais de dez anos. Para o seu lançamento foram realizadas duas cerimônias: a primeira em 6 de novembro de 1995 na Assembleia de Deus no Belenzinho (São Paulo) e a segunda no dia 7 do mesmo mês em Belém do Pará, também na igreja Assembleia de Deus (chamada de igreja mãe, por ser a cidade onde as AD’s surgiram).

Em 1999, a *Bíblia de Estudo Pentecostal* ganhou uma versão em CD-ROM, em 2009 ganhou uma nova versão impressa com Bíblia e a Harpa Cristã, hinário oficial da Assembleia de Deus, e em 2011 ganhou uma edição comemorativa com um subsídio histórico que conta como as AD’s surgiram e se desenvolveram no Brasil. Contando com mais de um milhão e quinhentos mil exemplares vendidos (ARAUJO, 2015, p. 64), a BEP pode ser considerada um verdadeiro sucesso em matéria de vendas de produtos cristãos no Brasil, bem como no mercado de Bíblias de Estudo.

A *Bíblia de Estudo Pentecostal* (BEP)<sup>15</sup> foi idealizada pelo teólogo e missionário pentecostal Donald C. Stamps (1938-1991) quando este servia como missionário na cidade de Campinas, interior de São Paulo - Brasil, de 1980 a 1988. Segundo palavras do próprio Stamps (BEP, 2007, p. 14) a Bíblia nasceu como resultante de suas observações quanto a necessidade dos obreiros no Brasil terem a sua disposição um material de

---

<sup>14</sup> ARAUJO, Israel de. *História da Casa Publicadora das Assembleias de Deus*, 2015, p. 63.

<sup>15</sup> BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

estudo que “os auxiliasse na orientação de seus pensamentos e nas suas pregações”. Nos próximos dez anos (1981-1991) o missionário norteamericano trabalharia nas notas e estudos doutrinários que passariam a compor a BEP. Os primeiros resultados foram publicados em 1990 com as notas escritas para o Novo Testamento; a versão completa só seria lançada em 1992, nos Estados Unidos, sob o título de *Full Life Study Bible*, seis meses depois da morte de Stamps, vítima de um câncer de estômago. Coube à comissão editorial fazer os últimos preparativos para a publicação em língua inglesa.

A Bíblia de estudo de cunho pentecostal, é composta por ferramentas de auxílio para facilitar a leitura e interpretação dos textos bíblicos. Para alcançar os objetivos aos quais se propõe, traz ao seu leitor elementos paratextuais que servem como auxiliares na leitura. Esses elementos são descritos na BEP (2007, p. 19-21) como: (1) As notas de estudo; (2) A referência bíblica das notas de estudos; (3) Estudos doutrinários; (4) Introdução aos livros da Bíblia; (5) Símbolos temáticos; (6) Diagramas e ilustrações; (7) Índice temático geral; (8) Concordância bíblica; (9) Mapas em cores e (10) Abreviaturas convencionais. Todos estes paratextos editoriais aparecem com características próprias que demonstram sua utilidade em relação ao texto principal, ao texto da Bíblia.

Como *corpus* do nosso estudo olharemos para um desses paratextos editoriais: as notas de estudo. De acordo com descrição apresentada na sessão “Como usar a Bíblia de Estudo Pentecostal” as notas têm um lugar e uma função específica na BEP. Ao apresentar essas duas características, é dito que elas “foram escritas sob aspecto pentecostal, com a convicção de que a totalidade da mensagem, do padrão e da experiência de que deram testemunho Cristo e os apóstolos, é perpetuamente válido e disponível a seu povo hoje” (BEP, 2007, p.

19). Segue-se depois uma classificação da natureza das notas em cinco classes:

1. Notas expositivas: explicam o significado de palavras, frases e versículos de muitas passagens basilares da Palavra de Deus.
2. Notas teológicas: definem e explicam as grandes doutrinas e verdades bíblicas, como a salvação, o perdão, o batismo, a perseverança dos salvos, o arrependimento, a santificação etc.
3. Notas devocionais: salientam a importância de o crente manter uma comunhão profunda com Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – mediante a fé, obediência, oração e os muitos meios da graça divina.
4. Notas éticas: notas com um chamamento ao leitor para dedicar-se a Deus e à prática da retidão. Destacam a importância dos princípios bíblicos da abnegação, da vida santa, de seguir a Cristo, de separar-se do pecado, do discernimento entre o bem e o mal, e dos deveres para com Deus e para com o próximo.
5. Notas práticas: notas de conteúdo edificante para a vida cotidiana do crente. Contêm ensinamentos práticos sobre o batismo no Espírito Santo, a cura divina, a criação de filhos nos caminhos do Senhor, a luta espiritual do crente contra o mal, a vitória sobre a preocupação angustiada e sobre a tentação etc. (BEP, 2007, p. 19).

A descrição e classificação das notas marginais da BEP usadas pelos seus editores colocam-nos diante de duas considerações necessárias. A primeira é que essas notas carregam um discurso altamente ideológico, percebido pela afirmação que é feita de que essas notas são escritas “sob aspectos pentecostais”; e a segunda é que a classificação usada para essas notas denota que elas têm valor direfenciado, ao menos para os editores e classificadores dessas notas. Daí podermos afirmar que as notas são tanto discursivas quanto ideológicas, ou seja, que elas contêm um discurso e que esse discurso está intimamente vinculado a um campo da religiosidade protestante, o pentecostalismo tradicional. Assim, podemos dizer que a *Bíblia de Estudo Pentecostal* é constituída de paratextos que servem como ferramentas de leitura e auxílios para a significação dos textos bíblicos; resultando em um protocolo de

leitura esteado em um discurso ideologizado de um ramo do pentecostalismo histórico.

Para testar nossa hipótese principal, seguiremos a análise de uma passagem específica da Bíblia e compará-la com a nota que lhe corresponda. O texto com o qual iremos trabalhar é a narrativa encontrada no Quarto Evangelho (Evangelho de João) 5.1-15. Em um primeiro momento apresentaremos a narrativa como aparece na Bíblia, em seguida o paratexto que a ela faz jus para, só então, seguirmos para a análise de como a narrativa e a nota se articulam para a construção de sentidos discursivos.

### **3 NARRATIVA E PARATEXTO**

A narrativa do Quarto Evangelho na qual faremos a análise conta a história do encontro entre Jesus e um paralítico que estava à beira de um tanque que pretensamente recebia vez ou outra a visita de um anjo. Segundo o narrador, Jesus foi à cidade de Jerusalém por ocasião de uma festa dos judeus e dirigiu-se a um lugar em que havia várias pessoas, “uma multidão”, que sofriam de várias enfermidades. O relato continua dizendo que o protagonista segue em direção a um homem paralítico que havia trinta e oito anos sofria com sua paralisia; trava com ele um curioso diálogo de compreensão difícil e de turnos quase que desconexos e cura-o de sua enfermidade dando ao doente uma ordem: “Levanta, toma tua cama e anda” (v. 8). Miraculosamente o homem pega sua esteira e sai andando pelas ruas da cidade em um dia de sábado. Os judeus vendo que o homem está carregando sua cama, chamam sua atenção para o fato de que não é permitido fazer aquilo no dia de sábado; mas o homem, em obediência às palavras de Jesus, continua andando. Encerra-se a narrativa com o reencontro entre o agora curado e

Jesus que o curou; e Jesus o manda não pecar mais “para que não lhe suceda coisa pior” (v.14).

Ao comentar essa narrativa bíblica, as notas marginais da *Bíblia de Estudo Pentecostal* optaram por utilizar como recurso explicativo as notas práticas, ou seja, “notas de conteúdo edificante para a vida cotidiana do crente”; tais notas se caracterizam pelos ensinamentos de ordem prática a respeito de muitos assuntos da vida cristã como, por exemplo, a cura divina; bem como sobre a luta espiritual do crente com os poderes do mal, incluindo aí as doenças e tentações. São essas as características das duas primeiras notas, em um total de três, que se ocupam de comentar a passagem do paralítico do Tanque de Betesda (BEP, 2007, p. 1580). Na terceira nota o tom é mudado para uma vertente ético-espiritual, isto é, “notas com um chamamento ao leitor para dedicar-se a Deus e à prática da retidão” e uma vida de santidade e comunhão.

Vejam brevemente o conteúdo de cada uma dessas três notas e como elas se articulam ao texto bíblico. Ao comentar a primeira parte da narrativa em que é dito:

Ora, em Jerusalém há, próximo à porta das ovelhas, um tanque, chamado em hebreu Betesda, o qual tem cinco alpendres. Nestes jazia grande multidão de enfermos, cegos, coxos e paralíticos, esperando o movimento da água. [...] E estava ali um homem que, havia trinta e oito anos, se achava enfermo. E Jesus, vendo este deitado, e sabendo que estava neste estado havia muito tempo, disse-lhe: Queres ficar são? (João 5. 2-3; 5-6)

A nota correspondente diz:

A enfermidade desse homem já durava 38 anos. Ele experimentara uma prolongada frustração por não ter recebido a sua cura, apesar de continuamente confiar em Deus. Finalmente, um dia foi curado. Foi em grande parte, pela longa duração do sofrimento desse homem, que Jesus com sua grande compai-

xão decidiu ajudá-lo. Nunca devemos perder a esperança de que o momento de Deus agir em nosso favor logo chegue. (BEP, 2007, p. 1580)

Salta-nos aos olhos a insistência do comentador em demarcar o período em que o homem ficou esperando a sua cura, “trinta e oito anos” (v.5). Fica-nos a impressão de que o intuito principal é colocar em relevo os anos de sofrimentos em que o homem convalesceu com sua paralisia. Mas é preciso perguntar qual a razão dessa insistência em colocar em relevo os anos de sofrimento e pesar do homem enfermo. Aqui duas respostas se nos apresentam: (1) Em sua apresentação à BEP, Antonio Gilberto, responsável pela edição em língua portuguesa, salienta que há algumas notas que são exclusivas à edição brasileira e que dentre essas notas há “frases e expressões propositalmente redundantes, para salientar o sentido e auxiliar o leitor iniciante” (BEP, 2007, p. 20). Neste sentido, parece que a primeira nota prática é uma nota escrita ao leitor brasileiro que se inicia nos estudos das Escrituras visto que nela existem as chamadas “expressões propositalmente redundantes”; (2) uma segunda questão que pode ser percebida nessa primeira nota marginal é que a repetição servirá de suporte para a argumentação de que a cura daquele que sofria lhe foi concedida, “em grande parte”, por conta dos longos anos em que ele passou a espera do seu milagre. Raciocínio que é apoiado pelo texto (v.6). Passemos, então, à segunda parte da narrativa:

O enfermo respondeu-lhe: Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me coloque no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes de mim. Jesus disse-lhe: Levanta-te, toma a tua cama, e anda. Logo aquele homem ficou são; e tomou a sua cama, e partiu. E aquele dia era sábado. (João 5.7-9)

A passagem acima descreve o momento em que o homem foi curado de sua enfermidade. Comentando o trecho, a segunda nota prática se expressa nos seguintes termos:

Normalmente, Jesus curava em resposta à fé das pessoas. No presente caso, porém, Ele não exigiu nenhuma fé; o homem foi curado exclusivamente mediante a palavra de Jesus. Ainda hoje, pessoas podem ser curadas segundo o propósito de Deus, mesmo não demonstrando fé em Cristo [...]. (BEP, 2007, p. 1580)

O episódio da cura do paralítico do Tanque de Betesda é paradoxal em relação às doutrinas basilares do pentecostalismo clássico; isto é, ao mesmo tempo em que corrobora a doutrina da “cura divina” coloca em cheque a crença de que a fé seja “a mão invisível” que conduz a bênção ao necessitado. Daí o esforço da nota em explicar como alguém que não demonstrou nenhuma fé em Deus pode ser curado. Aliás, de acordo com a narrativa, a única fé que o paralítico demonstrou foi a fé em uma crença popular advinda de um fenômeno de ordem geológico que acabou por resultar numa “imaginação popular”<sup>16</sup> de que um anjo movia as águas e que, depois desse movimento, o primeiro que fosse atirado no tanque era curado de qualquer enfermidade. Portanto, a crença que o homem demonstrou não foi no poder curador de Jesus, mas em um mito popular. Diante desses fatos a nota é forçada – pelo texto narrativo – a admitir que “o homem foi curado exclusivamente mediante a palavra de Jesus” e que “ainda hoje, pessoas podem ser curadas segundo o propósito de Deus, mesmo não demonstrando fé em Cristo”. O que equivale a dizer que, nessa passagem, não há um padrão dinâmico pelo qual a pessoa possa receber a bênção da cura e da libertação, elementos tão importantes entre as

---

<sup>16</sup> BROWN, Raymond E. *El evangelio según Juan* (I-XII), 1999, p. 459 (tradução nossa).

doutrinas professadas pelo pentecostalismo clássico. Na última parte da narrativa é dito assim:

E o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia retirado, em razão de naquele lugar haver grande multidão. Depois, Jesus encontrou-o no templo, e disse-lhe: Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior. E aquele homem foi e anunciou aos judeus que Jesus era o que o curara. (João 5.13-15)

Neste ponto do comentário, a nota passa de um viés prático para um viés ético-espiritual para insuflar em seus leitores responsabilidades de caráter moral e/ou espiritual. É preciso observar como o modo, que até então é explicativo-prático, passa a ganhar um caráter imperativo-moral. Na esteira daquilo que acontece com as narrativas de Fábulas, o comentário parece querer dar uma moral à história contada. A última nota referente à cena final da narrativa diz assim:

Jesus conclama a todos os que professam ter fé em sue nome a cessarem de viver pecando. Aqueles que forem verdadeiramente salvos não viverão na prática do pecado. Embora não seja perfeito, nem incapaz de evitar sempre o pecado, o crente genuíno entregará a sua vida a Cristo de tal maneira que, mediante o poder do Espírito Santo, o pecado já não será a característica de sua vida [...]. O que Jesus espera de quem nasce de novo contrasta frontalmente com os que enfatizam que o crente continuará a pecar diariamente por pensamentos, palavras e obras. (BEP, 2007, p. 1580)

Ao conclamar o homem que fora curado a não pecar mais (v.14), Jesus abre precedente para que pensemos que a enfermidade do homem foi causada por um pecado anteriormente cometido; mas isso se infere do silêncio lacunar das palavras de Jesus e não de uma afirmação concreta deste. O fato é que ladeado por essa reflexão, a nota insta com aquele que tem uma fé salvífica em Jesus e que, por isso, experimentou o novo nascimento – “aqueles que forem verdadeiramente



salvos” – a não viverem na prática do pecado. Ainda segundo a nota, o que Jesus espera desses que nasceram de novo é que eles não vivam continuamente pecando, seja por palavras, pensamentos ou atos. Parece-nos, no entanto, que o grande descompasso entre a nota e a narrativa é que esta não fala em nenhum momento na doutrina do novo nascimento, da regeneração; enquanto que aquela insiste em que as expectativas de Jesus são para aqueles que professaram “ter fé em seu nome”.

A narrativa parece querer colocar em relevo não a crença do homem, mas a sua cura miraculosa; nesse sentido a nota destoa flagrantemente do conjunto da narrativa, uma vez que um dos temas principais dos relatos joanina é mostrar que os homens, ao encontrar-se com Jesus, têm dele um conhecimento extraordinário, ou seja, perceber nele alguém especial, acima dos outros homens (BROWN, 1999, p. 459); e não necessariamente ter com ele um encontro para salvação. O que é uma repetição em forma de narrativa do tema central do Quarto Evangelho, a saber, a declaração de que a Luz brilhou nas trevas (Jo 1.9).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O esforço do estudo acadêmico do Pentecostalismo em suas várias faces – entendemos o pentecostalismo como movimento absolutamente multifacetado – mostra ao pesquisador os desafios e debilidades com os quais o estudioso precisa deparar-se na abordagem dos temas referentes ao movimento pentecostal; com isso em mente o que se tentou neste artigo foi uma aproximação do Pentecostalismo pelo viés da leitura, ou seja, tentar entender como o pentecostalismo lê os textos que ele considera sagrado, bem como compreender como essas leituras produzem senti-

dos; para isso tomou-se como hipótese a proposição de que as leituras que tem sido feita nas comunidades pentecostais, em larga medida, são mediadas pelas notas marginais de Bíblias de Estudo. As nossas pesquisas concentraram-se exclusivamente na *Bíblia de Estudo Pentecostal*, publicação referência para o assembleianismo no Brasil.

O nosso estudo dividiu-se em três partes fundamentais: Em um primeiro momento procurou-se entender quais as definições para leitura e quais as características da leitura da comunidade leitora com a qual trabalhamos, ou seja, o assembleianismo; em um momento posterior descreveu-se o *corpus* da nossa investigação – a BEP – em seu contexto maior, o mercado editorial evangélico pentecostal e em um terceiro momento, empreendeu-se uma análise para investigar as explicações contidas em notas marginais e sua relação com os textos bíblicos, tais análises colocou-nos em reflexões resultantes do descompasso, em momentos específicos, entre aquilo que dizia a narrativa e aquilo que afirmava as notas. Mas isso não aconteceu em todas as notas marginais, algumas afirmações eram absolutamente concordantes com o que indicava o todo da narrativa. Muito dessas práticas nos parece resultado da natureza das notas, ou seja, sua natureza prática e não exegética.

Pensar em leitura mediada, ou protocolos de leitura, em uma comunidade leitora como é o pentecostalismo assembleiano, com seus mais de doze milhões de fiéis (FAJARDO, 2014), apresenta-se como um desafio que precisa ser vencido por teólogos, filólogos e estudiosos da leitura e do pentecostalismo. A necessidade desses estudos justifica-se porque o modo como lemos, determina o modo como entendemos e praticamos a verdades da Bíblia; que para o Pentecostalismo assembleiano, assim como para outros ramos do cristianismo, é a Palavra de Deus revelada aos homens. Colocando em outros termos, diríamos que a leitura que essas comu-

nidades fazem da Bíblia influenciará suas pregações e, consequentemente, a prática vivencial da maioria de seus fieis. A influência das Bíblias de Estudo sobre o leitor assembleiano – e pentecostal – é um campo aberto para estudos e pesquisas, tanto necessário quanto urgente, que precisa ser aprofundado e desenvolvido, sob pena de não entendermos como os sentidos são produzidos no Pentecostalismo e como esses sentidos são arraigados e levados adiante na vida cristã.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Israel de. *História da Casa Publicadora das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BENATTE, Antonio Paulo. *Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações mediante a estética da recepção*. Revista de Estudos da Religião – Rever, Ano 12, n. 01, Jan/Jun 2012.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BROWN, Raymond E. *El evangelio según Juan (I-XII)*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1999.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. 4. ed. São Paulo: Estação liberdade, 2009.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FAJARDO, Maxwell. *Assembleia de Deus no Brasil: a igreja que cresce enquanto se fragmenta*. Azusa - Revista de Estudos Pentecostais, v.5, 2014.

FERREIRA, João Cesário Leonel. *A Formação do leitor religioso: pentecostais e leitura no Brasil*. Revista Todas as Letras, v. 14, n. 1, 2012.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LEONEL, João. *História da leitura e protestantismo brasileiro*. São Paulo: Mackenzie/Paulinas, 2010.

LIMA, Anderson de Oliveira. *A História da cultura escrita e suas possíveis contribuições à interpretação bíblica contemporânea*. Revista de História Comparada. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2015.

MALANGA, Eliana Branca. *A Bíblia Hebraica como obra aberta*. São Paulo: Humanitas, 2002.

MARTINS, Maria H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MILLER, Stephen M.; HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia*. Barueri: SBB, 2006.